

caderno de retorno

## **A pedagogia engajada de Freire e hooks – mestres da educação pela liberdade**

**The engaged pedagogy of Freire and hooks -  
masters of education for freedom**

Natália Kleinsorgen Bernardo Borges<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense. E-mail: natkbb@gmail.com.:

Submetido em 10/01/2022. Aceito em 26/01/2022.

**insurgência**

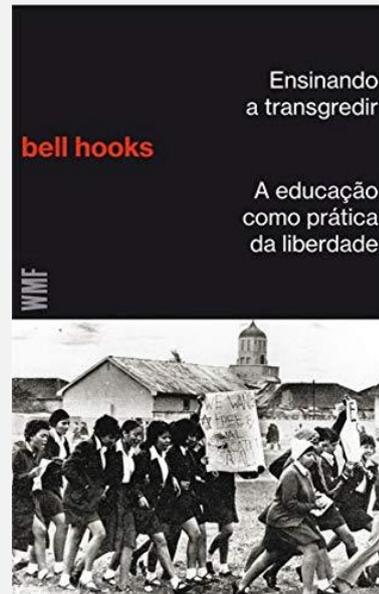
InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.



“Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem.”  
(bell hooks)

Para compreender a relação entre a teórica feminista, artista, crítica, professora e ativista antirracista estadunidense bell hooks e o educador e filósofo pernambucano Paulo Freire, precisamos entender que desde o primeiro contato com a obra dele, bell hooks passou a considerá-lo um “professor”. Essa relação fica evidente em seu livro ‘Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade’ (2017), onde ela traz 14 ensaios, incluindo dois diálogos – um deles sendo lúdico, entre Gloria Jean Watkins (nome que recebeu em seu nascimento) e bell hooks (sua voz de escritora), especificamente sobre o impacto da obra de Paulo Freire em sua vida. Além disso, no decorrer das páginas a influência do professor se coloca e atravessa a argumentação de hooks nas mais variadas formas.

Nos primeiros quatro capítulos, ela cita a teoria freiriana incansavelmente e fala de forma direta sobre como assumir a pedagogia engajada como forma de libertação, como estar aberto a mudanças é crucial para aqueles educadores que desejam a transformação social. “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (HOOKS, 2017: 25). O papel desempenhado pelas educadoras e educadores comprometidos com essa pedagogia é o de transgredir

a relação verticalizada de comunicar informações e conteúdos didáticos, participando assim horizontalmente do processo de crescimento intelectual, psíquico e emocional dos alunos.

Como exemplo dessa metodologia, bell hooks afirma que encontrar Freire e sua visão de mundo foi uma forma de “matar a sede” que ela tinha, suprimindo uma carência da sujeita oprimida que, apesar de se perceber oprimida, não tinha as chaves para caminhar no sentido da libertação. A partir do quinto capítulo, reside a principal contribuição de bell hooks à obra dele, quando começa a articular mais firmemente e por meio de exemplos as práticas pedagógicas e da desconstrução do elitismo dentro das salas de aula com a teoria feminista e antirracista, que a definem como pesquisadora, escritora, professora e ativista.

Importante lembrar que ao considerar Paulo Freire um professor, um mestre e um guia, bell hooks não se refere ao sentido convencional dessas palavras, que geralmente está associado à autoridade e hierarquia na construção do pensamento. Aliás, ao longo do livro, fica evidente a crítica de hooks sobre certos professores que se dizem progressistas mas não estão dispostos a alterar o significado da relação professor e aluno, em seus cotidianos docentes. Ela diz que até reconhece a dor que está contida nos processos de mudança de antigos paradigmas e no assumir de novas e revolucionárias formas de pensar e agir, afinal, descartar velhas práticas pode ser desgastante; o que não significa que respeite a escolha por não abandonar hábitos conservadores. Esses hábitos, apesar da dor, precisam ser deixados de lado em prol de uma construção coletiva do saber; só a partir da transformação crítica de cada educadora e educador uma emancipação verdadeira se torna possível.

Chamar Paulo Freire de “professor” significa, portanto, nomeá-lo como parte daqueles que buscam estabelecer uma comunidade de aprendizado; parte daqueles que, em diálogo com seus alunos, os ouvem, os respeitam, e, principalmente, aprendem junto em sala de aula, por mais desafiador e romântico que isso possa soar. Esse é o sentido da “pedagogia engajada”, buscada por hooks, inspirada no pensamento e na práxis de Freire, no cumprimento de seu ofício de professora universitária que jamais havia sonhado ser.

Desde a infância, bell hooks lidava com as expectativas da família e da comunidade para que se tornasse professora. Segundo ela, eram três as possibilidades de futuros possíveis para meninas de sua cor, naquela época: ou se casavam, ou se tornavam empregadas domésticas, ou professoras – todas carreiras ligadas ao cuidado. Como ser inteligente era uma característica que afastaria a possibilidade de

casamento, numa sociedade extremamente sexista, seu destino estava selado. Embora desde o ensino fundamental soubesse que queria ser escritora, lecionar acabou sendo uma consequência, o emprego que garantiria o sonho de escrever livremente. Seu maior medo, no entanto, era seguir aprisionada no universo acadêmico para sempre.

Durante o Ensino Fundamental, estudando em escolas segregadas, frequentadas apenas por negras e negros, ela teve sua principal experiência de educação para a prática revolucionária. bell hooks foi uma criança cheia de vida e curiosidade, estimulada por mulheres que conheciam seu cotidiano, seus familiares, e compartilhavam espaços coletivos de sociabilidade. Foram aulas com muitas professoras negras inspiradoras, que se dedicavam a ensinar para a transgressão das amarras, confiando no afeto e no entusiasmo pelo aprendizado. Graças a essa experiência, ela tomou um gosto enorme por estudar e por ir à escola, cenário que mudou muito quando passou a dividir a escola com os brancos – num movimento de tirar os jovens negros de seu espaço de segurança e incluí-los nas escolas brancas, com professores brancos, em sua maioria pouco dispostos a modificar sua forma conservadora de lecionar.

Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. [...] No curso de graduação, a sala de aula se tornou um objeto de ódio, mas era um lugar onde eu lutava para reivindicar e conservar o direito de ser uma pensadora independente. A universidade e a sala de aula começaram a se parecer mais com uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não de promessa e possibilidade. (HOOKS, 2017: 13)

Com as péssimas experiências do Ensino Médio e da graduação, estava óbvio que o ensino convencional não serviria para ela. Quando comecei a ler ‘Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade’ (2017), não tinha muita certeza se bell hooks e Paulo Freire haviam se encontrado presencialmente. Mas foi o encontro com a obra dele, somado à experiência nas escolas negras do Sul dos Estados Unidos, que a fortaleceram para buscar seu próprio modelo de prática pedagógica, atrelada ao compromisso das populações mais vulnerabilizadas, à luta feminista e antirracista.

Descobri, enfim, que o encontro presencial entre eles aconteceu, de fato, e foi inusitado. A professora não sabia que ele estaria num seminário na universidade onde ela estudava e dava aulas para uma palestra pública. Muitas pessoas sabiam da admiração que ela nutria, mas evitaram contar que Paulo Freire estaria por perto, com

receio de que ela o constrangesse com críticas feministas, e impedisse o debate de “questões mais importantes”. Foi a partir da desistência de alguém no último minuto que ela conseguiu entrar na palestra do professor e, muito embora os presentes reclamassem das intervenções “desnecessárias” dela, o mentor, correspondendo aos seus próprios ensinamentos, a ouviu cuidadosamente, disse considerar aqueles pontos cruciais, e respondeu às provocações feitas. “Nesse momento eu realmente tive amor por ele”, conta bell hooks, no capítulo 4, que leva o nome de Paulo Freire.

Se ele tivesse tentado silenciar ou desvalorizar uma crítica feminista, muitas coisas teriam mudado para mim. E não era suficiente, para mim, que ele reconhecesse seu “sexismo”. Eu queria saber por que ele não tinha mudado esse aspecto de sua obra anterior, por que não tinha reagido a ele em seus escritos. Então, ele falou que se esforçaria mais para falar e escrever publicamente sobre essas questões – fato que ficou claro em sua obra posterior [...] A lição que aprendi vendo Paulo incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profunda. Entrou em mim, me tocou de um jeito que nenhum escrito poderia tocar e me deu coragem. (HOOKS, 2017: 78-9)

Ao mesmo tempo que alguns colegas achavam que as críticas de hooks ao trabalho de Freire poderiam ser constrangedoras para ele, as feministas a cobravam para que se posicionasse sobre o sexismo contido na obra do filósofo pernambucano (e na de Fanon, de Malcolm X, etc.). Quanto a isso, bell hooks afirma em seu livro, utilizando a metáfora da sede e comparando o conhecimento adquirido por meio da teoria freiriana à água, que encontrar uma obra que promove tanta libertação é tão importante que, se essa obra tem “uma falha”, isso não deveria importar tanto. Afinal, segundo ela, o modelo da pedagogia crítica desenvolvido por Freire em si acolhe as críticas feministas e “questionamento crítico não é o mesmo que rejeição”. Dessa forma, foi pegando fios das pedagogias críticas de Freire e feminista que ela teceu seu trabalho de professora e escritora.

Só consegui entender o tamanho do respeito e da admiração que bell hooks nutria pelo educador, quando li, nas palavras dela, a poesia presente no momento em que tomaram sorvete juntos, apenas os dois, ouvindo música enquanto discutiam suas percepções de mundo, na lanchonete favorita dela, em Santa Cruz (Califórnia, EUA). Essa incorporação das questões psíquicas e emocionais no processo de aprendizado é justamente um dos aspectos da pedagogia engajada que se demonstra em toda a obra de bell hooks e que faz sua teoria ser tão acessível e identificável para quem lê.

Desde a graduação, quando escreveu *‘Ain’t I a Woman: Black Women and Feminism’* (1981), o movimento de deixar de ser objeto e passar a ser sujeita de

resistência e dona da própria narrativa que ela descreve é conferido, nessa obra, aos ensinamentos de Freire. Mas é justamente o poder de articulação dos conceitos, a interpretação sobre a própria existência e uma consciência crítica engajada na prática, que bell hooks desenvolveu desde criança quando já teorizava sobre seu lugar no mundo, que a permitiu fazer as principais contribuições ao pensamento freiriano.

Informada pela ênfase na educação e na importância da alfabetização que as negras e negros defendiam na época da escravização para que se alcançasse a libertação, e nos estudos dos primeiros anos de escola, ela sabia que não bastava um movimento de conscientização que não incluísse uma prática significativa para que a transformação de fato ocorra. Se, na obra de Paulo Freire, ela apreendeu uma preocupação com a subjetividade e com as vozes dos sujeitos marginalizados, exilados, subalternizados, é a compreensão de classe, raça e sexo que ela tinha, e seu consequente compromisso com as mulheres negras pobres, que constituem seu legado como essa intelectual insurgente que não assimilou ou se rendeu aos interesses de classe e da “educação bancária”, e se manteve fiel ao compromisso revolucionário da educação libertadora engajada.

---

**Natália Kleinsorgen Bernardo Borges** | Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá (2011), é mestra em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense - PPGMC/ UFF (2015).